

RUBEM BRAGA

Caderno de rapazinho

REENCONTREI outro dia um caderno amarelado em cuja capa está escrito: "Notas — Rubem, agosto, 1930." Não é um diário íntimo, apenas um caderno em que eu anotava frases ou fatos que me chamavam a atenção. Mas o que chamaria a atenção daquele rapazinho de 17 anos, estudante de Direito?

Abro, e vejo logo o resumo de uma aula de Direito Administrativo do Professor Figueira de Melo: "A Responsabilidade do Funcionário". Mais para frente há definições de sindicato, cartel e truste. Depois notas sobre sociedades comerciais — em nome coletivo, em comandita, de capital e indústrias, em conta de participação. Bravos ao estudioso rapaz; êle será, com certeza, um bom advogado...

Ou, quem sabe, um economista. Aqui êle anota: "No Império tínhamos tão sólido sistema monetário que a moeda papel várias vezes teve ágio sobre o ouro, por ser mais portátil." O rapaz está preocupado com a situação do País: "A próxima safra de café de São Paulo está avaliada em 11 milhões de sacas." E mais: "Nossa circulação no momento é de cerca de 2 milhões e 800 mil contos."

Uma frase de Anatole France: "A nossa democracia, com uma igualdade majestática, proíbe igualmente a ricos e pobres furtar um pão ou mendigar na rua." Como está em português, deve ter sido citada por algum autor. Descubro-o na página seguinte: é João Mangabeira. Anotei algumas frases de um dis-

curso seu na Câmara, em defesa do montepio da viúva de um modesto funcionário: "*Dura lex sed lex é a velha máxima opressora com que os fortes esmagam os fracos e os felizes os desafortunados... Consiste a igualdade sobretudo em considerar desigualmente situações desiguais, de modo a abrandar, tanto quanto possível, pelo Direito, a desarmonia social... O Estado repousa na resignação da pobreza. Êle não pode pesar na mesma balança os gozos do rico e os sofrimentos do pobre.*"

Mas logo depois dessas nobres preocupações sociais, uma piada em francês: "*après la mort de l'un de nous deux, je viendrai habiter Paris.*" Depois — meu Deus! — uma longa e farfalhante frase de Ingenieros sobre o idealista e o homem medíocre.

No fim do caderno: Livros para ler nas férias: "Ensaio Brasileiro", de Azevedo Amaral; "La Cité Antique", de Fustel de Coulanges, e "Introdução à Sociologia", de Pontes de Miranda.

Terei lido? As férias não foram como eu pensava. Em setembro fiquei doente, em outubro tudo se alterou com a revolução, em dezembro fui chamado por um telegrama a Cachoeiro, me lembro da interminável viagem de trem, do calor, da poeira, de minha angústia, de meu primo me esperando na estação: havia morte lá em casa.

Mas nada disso está no caderno, onde não voltei a escrever.